

Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista."

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Caracter e patriotismo



formação d'um caracter integro e decidido deve occupar um logar primacial na educação dos individuos.

Dar ao homem uma alma forte e energica é fornecer-lhe a melhor arma para triumphar na vida, é ministrar-lhe o melhor instrumento para levar a cabo qualquer empreendimento, para realizar qualquer trabalho. E' principalmente aos cidadãos d'uma democracia que importa desenvolver integralmente todas as faculdades para a melhor utilização da vida, de modo a poderem realizar o maximo de felicidade individual e collectiva.

Ao progresso e á felicidade humanas é indispensavel formar individuos que, tendo de se determinar n'um conflicto de motivos, que, tendo de resolver quaesquer questões, tenham a coragem, a grandeza de animo de se decidir sempre pela verdade e pela justiça, sejam quaes forem as consequencias que d'ahi resultem.

Hoje, na republica portugueza, todo o cidadão válido tem de ser soldado e consequentemente a todos interessa o desenvolvimento d'aquellas qualidades que um militar deve possuir, para arrostar com as privações e os perigos de uma campanha.

Infelizmente o estado social dos povos, no momento actual, não exclue ainda os conflictos entre as nações que só podem ser solucionados pela força das armas.

E' certo que theorias pacifistas, seductivamente altruistas, tem sido evangelizadas ardentemente por luminosos espiritos; é certo que ideias anti-patriotas e anti-militaristas tem encontrado alguns adeptos, sobretudo em França. Todavia a sua influencia é ainda muito reduzida, para ser tida como factor social de importancia.

Essas ideias e essas theorias são no momento actual tão perigosas, que, mesmo os partidos mais avançados, as tem em grande parte repudiado. Na Allemanha, os socialistas, desde os moderados da extrema-direita até aos da esquerda revolucionaria, pronunciaram-se contra o anti-militarismo de Hervé.

E o proprio Hervé tem dito que, se os exercitos do Kaiser tentassem invadir a França, haviam de encontrar pela frente a combate-los as communas da França revolucionaria.

Uma affirmação d'estas implica necessariamente uma organização das communas, instrucção militar, um plano de defeza, etc.; em summa, organização militar mais ou menos parecida com a actual.

Quando, por qualquer motivo, o patriotismo e mais virtudes civicas se obliteram na alma d'um povo ou mesmo enfraquecem, só

que seja, no espirito das classes preponderantes, esse povo corre grande risco, se uma crise se manifesta, para cuja resolução essas virtudes sejam necessarias.

E' exemplo eloquente o que succedeu na Allemanha nos seculos XVIII e XIX. Espiritos superiores como Kant, Herder, Lessing, etc., influenciados pelas theorias dos philosophos e encyclopedistas francezes, desprezavam ou reputavam de somenos importancia o amor da patria, considerando apenas como digno d'uma alma superior o amor da humanidade.

Estas ideias espalharam-nas em obras, litterariamente primorosas, por toda a Allemanha, e conseguiram radica-las no espirito das classes cultas.

Rebenta a grande revoluçãõ franceza e, com o desenrolar dos acontecimentos, torna-se inevitavel a guerra entre a França e os estados germanicos.

Succedeu então na Allemanha que os dirigentes, influencia dos por taes theorias, entregavam fortalezas sem disparar um tiro, entregavam exercitos quasi sem combater, soffriam sem vergonha as maiores humilhações e tudo, para que a guerra acabasse depressa e se entrasse definitivamente na sonhada paz universal.

Foi então que insignes patriotas, sensiveis ás desgraças da Prussia, procuraram desenvolver o patriotismo no povo allemão. Foi da universidade de Berlim que partiu esta grande iniciativa. Apareceram então Arndt, Scharnhorst, Fichte e outros que procuraram, cada um na sua esphera de acção, levantar e engrandecer a patria do grande Frederico.

Breve se evidenciaram os mais brilhantes resultados. A Allemanha desde então prosperou e tornou-se um grande povo, occupando entre as nações da nossa contemporaneidade mundial, um dos primeiros logares, graças á energia, á tenacidade e ao patriotismo dos seus filhos.

Na historia patria, epochas e factos, que agora me não proponho remorar, attestam tambem eloquentemente que a falta de patriotismo e de uma alma forte e viril pôde levar ás mais vergonhosas desgraças.

E' por isso que todos os portuguezes, ho-

je mais que nunca, devem procurar intensificar o amor da patria na alma das gerações novas, para que durante a paz, n'um trabalho proficuo e bem orientado, todos procurem enobrecer-la e dignifica-la e para que, dada a hypothese de ser necessario defender pelas armas a sua independencia, todos tenham a grandeza de animo de se sacrificar, de arrostar com a morte, se necessario fôr, na defeza do que é o nosso direito.

E' evidente que o patriotismo e mais virtudes necessarias para arrostar com os perigos d'uma campanha, não podem ser desenvolvidas só durante o tempo em que nos quartéis se ministra a instrucção militar.

E' sobretudo nas escolas que essas qualidades devem ser desenvolvidas. Um estudo consciencioso e bem orientado da nossa historia patria, visitas aos monumentos que evoquem o esforço heroico dos nossos antepassados, excursões aos campos onde se travaram batalhas que pela abnegação, sacrificio e energia dos nossos avós, nos asseguraram a independencia, são os meios mais efficazes de conseguir esse desideratum, sempre que o professor ou o guia que tente tais empreendimentos vivifique com palavras calorosas, com amor e sinceridade, todos esses logares que nos fallam do passado.

Outras qualidades, além do patriotismo, é mister desenvolver em todo o cidadão soldado. São ellas: a coragem, a confiança no proprio esforço, a solidariedade, o espirito de abnegação e sacrificio, a iniciativa e a disciplina.

Sem entrar por agora em minuciosidades sobre a maneira pratica de desenvolver estas qualidades, pode-se dizer d'um modo geral que, para formar um bom cidadão e um bom soldado, é necessario dar-lhe uma boa educação physica, familiariza-lo com o perigo, inspirar-lhe confiança no esforço proprio e no futuro da patria.

E' indispensavel tambem que todos aquelles que se propõem realizar uma obra de educação não esmoreçam perante a indifferença da maioria; que a algidez, as malquerenças e a opposição do meio não lhe entibiem o esforço nem façam perder a fé no rejuvenescimento de Portugal.

Procuremos todos inocular no depauperado organismo da patria tudo quanto na actual civilisação dos povos represente um principio de vitalidade ou de progresso.

Recordando as tradições gloriosas do passado, estimulemos essas bellas energias dormentes na alma do povo, retemperando-as ao calor vivificante dos feitos heroicos de nossos avós.

Procuremos sempre, melhorando o individuo, elevar e engrandecer a nossa patria, para que no futuro, pelo seu trabalho honesto e pelo seu proceder nobre, se possa impor ás outras nações como uma lição a tomar, como um exemplo a seguir.

H. D'AMORIM.



Uma descendente dos Braganças

No artigo publicado no N.º 16 d'esta revista, sob o titulo «*A patria e familia do poeta Gil Vicente*», dissemos que Gil Vicente de Almeida, neto do grande poeta, casára em primeiras nupcias com D. Maria Tavares, natural de Barcellos e cujo nascimento, um tanto mysterioso, procuraríamos desvendar n'um proximo artigo.

Vimos hoje desobrigar-nos do compromisso tomado com os leitores do «*Barcellos-Revista*», se leitores podem ter, o que sinceramente não acreditamos, estas insulsas ninharias.

Antes, porem, seja-nos permittido recordar alguns factos da historia da nossa Insigne e Real Collegiada, hoje extincta, pela estreita connexão que elles teem com o assumpto de que nos occupamos.

Fundada por D. Affonso, 8.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, entre os annos de 1408 e 1432, embora todos os auctores, certamente por mal informados, lhe attribuem origem mais moderna, e pelo mesmo conde, com o assentimento dos arcebispos de Braga, D. Fernando da Guerra (1456) e D. Diogo de Sousa (1507), generosamente dotada com os rendimentos de dez freguesias do antigo concelho de Barcellos, a Collegiada de S.^{ta} Maria Maior, já na segunda

NO ALBUM DE UMA ESTRANGEIRA

*Je voudrais, par quelques images
Et par quelques rimes de choix,
Remercier ces blanches pages
De s'être dérangées pour moi.*

*Mais mon âme reste muette,
Son chant ne serait pas compris . . .
La seule langue d'un poète
Est la langue de son pays !*

*Cette langue sonore et pleine
Que parlaient les Navigateurs,
Est la seule que je comprenne,
La seule qui touche mon coeur.*

*Et au lieu du doux madrigal,
De la mélodie fine et claire
Qu'en beau parler du Portugal
Je parviendrais peut-être à faire,*

*Me voici, en mauvais français,
Volapuk des diplomates,
Vous faisant l'envoi indiscret
De vers boîteux aux rimes plates !*

ALBERTO D'OLIVEIRA.

(Inédito)

metade do sec. XVI, era muito opulenta e auctorizada, pelo que os seus beneficios foram sempre desejados e providos, geralmente, em individuos de elevada cathegoria social.

Podíamos apresentar uma larga lista de pessoas respeitaveis pelo seu saber, virtudes e nascimento, que occuparam o cargo de D. Prior e outras dignidades d'esta Collegiada; mas não o fazemos, porque, para comprovar o que acima dissemos, bastará citar alguns nomes que n'este momento nos occorrem.

Assim, D. Fernando de Castro e Mello, sendo thesoureiro-mór da Collegiada de Barcellos, foi nomeado bispo-deão da capella ducal de Villa Viçosa.

D. Martinho de Portugal e D. Manoel Pereira de Vasconcellos, ambos conegos, foram eleitos o primeiro arcebispo do Funchal e o segundo bispo de Miranda.

Diogo de Mendonça Corte-Real, arguto e finissimo diplomata dos reinados de D. Pedro II e D. João V, embaixador na Hollanda e na Hespanha, e ministro de Estado, teve durante muitos annos o cargo de thesoureiro-mór d'esta Collegiada.

D. Luiz Alvares, seu arcypriste, foi nomeado bispo de Lamego em 1714.

D. Pedro de Lencastre, irmão da 6.^a duquesa de Bragança, D. Isabel, occupou a cadeira prioral da Collegiada de Barcellos desde 1543 a 1561 (7.^o D. Prior), e foi eleito bispo de Salamanca e depois de Cuenca.

O virtuosissimo D. Theotónio de Bragança, filho do 4.^o duque de Bragança, D. Jaime, foi seu thesoureiro-mór e mais tarde bispo de Fez e arcebispo de Evora. E, finalmente, D. Fulgencio de Bragança, irmão do antecedente, foi chantre da mesma Collegiada e por ultimo D. Prior da de Guimarães.

Como é d'este D. Fulgencio de Bragança que especialmente nos vamos occupar, daremos da sua biographia as poucas notas que pudemos colligir.

Nasceu em Villa Viçosa no anno de 1529 e foi o 3.^o filho de D. Jaime, 4.^o duque de Bragança e 11.^o conde de Barcellos, e de sua segunda mulher, a duquesa D. Joanna de Mendoça. Destinado desde criança para a vida ecclesiastica, parece que D. Fulgencio já se achava ordenado, ou proximo d'isso, em 1551, porque á missa celebrada n'esse anno pelo arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos, por occasião da trasladação que el-rei D. João III mandou fazer dos ossos de el-rei D. Manoel e da

rainha D. Maria para o convento de Belem, assistiu elle como sub-diacono.

Teve muitos e rendosos beneficios ecclesiasticos.

Foi chantre da Collegiada de Barcellos, que n'esse tempo era um beneficio largamente remunerado, pois que, alem de outros proventos inherentes a esta dignidade, tinha os rédditos da igreja de Fão, que abrangiam tambem o dizimo do pescado; abbade commendatario do convento beneditino de S.



CARNAVAL DE 1911 — UM GRUPO DE SENHORAS TRAJANDO
Á HESPAÑHOLA

Cliché de H. Gonçalves

Simili-gravura de M. Abreu

Salvador de Travanca; D. Prior commendatario do convento de S.^{ta} Maria de Moreira, de conegos regrantes de S.^{to} Agostinho, e XL D. Prior da Collegiada de Guimarães.

Diz-se que D. Fulgencio, seguindo a carreira ecclesiastica, o fizera mais por obediencia a seus paes do que por vocação propria, porque dos verdes annos da sua desinvolta mocidade deixou penhores bastantes para testemunharem que os seus costumes não se ajustavam rigorosamente ao estado religioso que havia abraçado.

Joven e rico pelos avultados rendimentos dos pingues beneficios que uzofruia, galanteador finamente educado n'essa cõrte de

Canção branca

*A casa onde ella mora,
— Edénica morada! —
E' toda circumdada
De flor's brancas, agora.*

*E mal desponta a aurora,
A candida fachada
— Tão branca, tão caiada! —
Rebrilha ao sol que a doura.*

*Parece uma pastora
A rir, toda enfeitada,
Ou meiga namorada
Que espera o que a namora.*

*Contemplo a toda a hora
A pudica morada
Que est'alma arrebatada
De sonhos d'oiro inflora.*

*O' virgem sonhadora:
— Princeza bem-amada! —
Estancia abençoada:
— O' casa onde ella mora! —*

*Minh'alma vos adora,
De joelhos prosternada:
O' edénica morada! . . .
O' grácil moradora! . . .*

ANGELO JORGE.

(Do livro "Espírito Sereno,,
a preparar-se)

Villa Viçosa, que em nada desmerecia da dos nossos reis, e aureolado com o prestigio do nome illustre dos seus progenitores, D. Fulgencio de Bragança parece ter-se occupado mais das coisas mundanas do que propriamente das do seu religioso ministerio.

Foram tantas as aventuras amorosas em que se viu envolvido, mormente nos bons tempos em que habitou o solar dos seus maiores em Barcellos, que um seu biographo não pôde deixar de confessar que o nosso enamorado chantre, durante o tempo em que residiu n'esta villa, tivera uma vida muito desregrada.

Nós não juramos nas palavras d'este es-

criptor; mas é certo que alguns d'esses amores vieram afinal a desabrochar em lindos pimpolhos, que, não obstante o descarrovavel abandono a que seu pae os votára, protegidos e educados pelos duques de Bragança, seus tios, vieram a ser mais tarde pessoas respeitaveis pelo seu saber e virtudes.

Em Guimarães sabemos nós, pelo testemunho insuspeitissimo do auctor da «*Hist. Gen. da Casa Real*», que lhe nasceram dois filhos:

—D. Francisco de Bragança, de quem seu tio o arcebispo de Evora tomou conta e mandou educar, e que, depois de formado na faculdade de canones, foi successivamente conego da Sé de Evora, desembargador do Paço, do conselho de el-rei e por ultimo patriarcha do Brasil e da India, em 1630, logar este que não chegou a exercer por ter fallecido pouco tempo depois, em 1634; e

—D. Angelica de Bragança, religiosa professa e depois abbadessa do mosteiro das Chagas, de Villa Viçosa, onde jaz.

Do tempo em que D. Fulgencio foi chantre da collegiada de Barcellos, tambem alguns auctores nos dão noticias de filhos seus, não obstante D. Antonio Caetano de Sousa, na sua já citada obra, omittir este e outros factos pouco lisongeiros para o seu fim historico, omissão esta que a ninguem deve surprehender, porque, diz o visconde de Sanches de Baena, «tenho á vista uma justificação passada em julgado, de um filho do 7.º duque de Bragança D. Theodosio, chamado Affonso Feijão, que foi presbytero, e de quem a «*Hist. Genealogica*» nada nos diz».

Pois da existencia pelo menos de uma filha de D. Fulgencio nascida em Barcellos, não se pode duvidar, porque são n'isso concordes os mais circumspectos linhagistas.

O Dr. Fr. João da Conceição diz no seu «*Nobiliario*» que, «constando á duquesa de Bragança D. Catharina (mulher do 6.º duque D. João) haver em Barcellos uma menina em precarias circumstancias de fortuna, que era descendente da familia dos Borges de Creixomil e que evidentemente era filha do mencionado D. Fulgencio, a mandá-

ra buscar para a sua companhia, e lhe dera o logar de menina da vela, compativel com a sua idade, casando-a depois, com bom dote e uma commenda, com Gaspar de Goes do Rego, fallecido em 1578 na batalha de Alcacer-Kibir, para onde tinha ido na leva do 6.º duque de Bragança».

Chamava-se Maria Tavares esta descendente dos Braganças, e sua mãe, Maria Vicente Tavares.

Sabemos tambem que a filha de D. Fulgencio, dois annos depois do fallecimento de seu marido e tendo d'elle quatro filhos, o mais velho dos quaes — Belchior de Goes do Rego — foi por vezes procurador ás côrtes por Barcellos, casou em segundas nupcias com Gil Vicente de Almeida, neto, como dissemos, do poeta Gil Vicente, e viveram durante muitos annos na quinta do Mosteiro, em Torres Vedras, em companhia de sua mãe e sogra Maria Vicente Tavares, que ahi falleceu.

E aqui tem os barcellenses como, mercê da tagarellice de indiscretos linhagistas, nos foi possivel dar-lhes noticia de coisas sem duvida de minima importancia, mas que muito de perto se prendem com a historia da sua terra.

De Gaspar de Goes do Rego — barcellense illustre, que, pela sua morte heroica na fatal aventura de Alcacer-Kibir, tanto honrou a terra que lhe foi berço — nos occuparemos n'um outro artigo, visto este já ir excessivamente longo.

W.

CONTOS

TRAGEDIA NA ARVORE

NA minha horta, como a primavera começa, vocês não imaginam como é fresca, exuberante, e viva, a passarada.

Todo o pomar floresce ao sol, esbracejando por cima das relvas picadas de campainhas e trevos.

Vão um pouco atravez d'essas ruas de parreiras, alfazemas, dhalias, e rosaes, tẽ lá baixo ao tanque. Hein? Corollas gotte-

jando perolas d'orvalho, perolas que entornam subtis perfumes. A' medida que as arvores se vestem, e a tepidez do ar, e a lucidez do céo, e a magnificencia do sol, são duradouras em demasia para garantir prosperidade aos pequenos seres, começa por todos os escaninhos de troncos, penedos, musgos, ramarias e folhas, uma invasão d'artífices lestos, chilreantes, alados, contentes, vestidos de côres singulares, republicanos mais ou menos, que vem fundar á maneira dos outros annos, a sua grande e pictoresca cidade de ninhos.

Tem quasi todos os seus habitos proprios, inconfundiveis, pacatos, habitos d'interior, que os visinhos são forçados a respeitar. E deixem-me aqui dizer-lhes que os passaros são mais egoistas do que apparentam. São! O melro, por exemplo: O pardal. A obesa calhandra dos trigos. O patife do pintasilgo. O devasso do tentilhão. Somitegos, desconfiados, commodistas... Que sucia!

Certa formiga já velha, que soubera escamugir-se em mais d'uma rusga, á voracidade d'aquelles libertinos, disse-me ahi pelo tempo das eiras — ninguem me venha cá fallar em innocencias de passaros.

— Judiciosa sentença de formiga!

E tão maus, que me lembro agora d'um caso... — foi lá na horta, um anno a fazer pela Ascensão. Certa manhã, no laranjal, dei por um melro voando baixo, surratemente, com duas fibras de grama no bico. Deixava as fibras fosse onde fosse, voltava a buscar mais, sem ruido d'azas ou assobios de triumpho, tão curioso na lida, que me deixo ir atraz d'elle, por ver de perto o que fazia. Defronte da casa ha uma rua de tilias e castanheiros, levando á ribeira que deslisa no fundo da propriedade, pedregosa, entre canaviaes e velhos freixos, e moradio dilecto do passaredo. D'uma banda e outra, sabugueiros, balsas enredadas, silvados cheios de flores; e a ribeira gorgoleja, precipitase, espadanando por baixo das pontes, e agitando de rodilhão as rodas das azenhas. A femea, incansavel (era uma femea) penetrava como uma flexa ao coração da balseira, donairoza, azul de negra que era, veloz, entusiasmada, vibrando maternas ternuras, en-

tanto que o macho vigiava o campo, pousado n'um carapeteiro. Eu esfregava as mãos de satisfeito. Que os ninhos dão fortuna á propriedade.

Rompia da balsa uma faia enormissima, corpulenta e altiva entre as de mais, em volta de cujos ramos mil folhitas d'ouro verde esvoaçavam ás transparencias do sol. Tenho olhos de lynce, olhos de caçador que se preza: de maneira que não foi preciso olhar muito, para distinguir sobre a faia, a meia altura, n'um garfo de ramitos balouçados ao vento, o mais ligeiro ninho de pintasilgo, todo em musgos, lianas de fibra imponderavel,

tornara-se pois, conservatorio; melros ao rez do chão; no andar nobre, pintasilgos, e o rouxinol bohemio nas aguas furtadas. Durante o dia, o melro assobiava, e o pintasilgo vá de fazer vocalisações.

Ah, mas debalde queriam ambos macaquear o rouxinol! Isolados, agradariam talvez como rusticos trovadores; eram porém ridiculos junto a semelhante adversario.

Mal o campo adormecia, calava o melro o seu siflo de gaiato. Comidos d'inveja, punham ponto os vaidosos pintasilgos. E eis o rouxinol lançando triumphalmente ao amphitheatro de colinas, o grande motivo d'opera a executar.

Cantam sobretudo de noite, os rouxinos, fazendo lua, quando as mais aves dormem burguezaamente, com as cabeças debaixo da aza. E' então que a voz lhes ganha accents patheticos, melodias nuançadas de paixão, vehemencias, caprichos, supplicas. Ninguem rimou ainda com mais cruciante lyrismo o poema da melancholia. Para entendel-os é necessario ser pobre, ter

talento, e ter soffrido. Dão a nostalgia do céu, esses saboyanos cuja voz estanca as dôres da alma, e cuja existencia faz scismar, pelo mysterio de que se enubla. Encarcerados, morrem de tristeza. Desapparecem quando murcham as primeiras madrelivas. As suas pennas teem uma côr parda d'andrajos. Pequenos, contrafeitos, molles, scismadores, com pouca força nas azitas, dir-se-hiam convalescentes, ou forasteiros, que o clima do paiz estiolasse. Almas talvez de poetas, volvendo em passaro, á procura das suas Lauras e Natércias.

Desde que os competidores do rouxinol se convenceram d'impotencia, travou-se na arvore uma batalha furibunda. Todo o dia os



CARNAVAL DE 1911—O CARRO DAS «HESPAÑHOLAS»

Cliché de H. Gonçalves

Simill-gravura de M. Abreu

pennugens arrancadas pela mãe ao proprio ventre, nas furias d'um louco amor instinctivo. No cimo da faia, no cimo, como quem dissesse lá riba, nas aguas furtadas do predio, morava um rouxinol.

—Como poetas de genio, os rouxinos não podiam morar senão em aguas furtadas.

E toda a noite elle cantava nos pinaros da arvore gigantesca! Como o ouvia da janella, embevecido, quiz-me parecer, francamente, que o velhaco roubava pedaços ás *Flores do Campo*, do João. Sob a lua clara d'abril, ao pestanejar das estrellas, a sua voz corria escalas, tomava alturas extraordinarias, brios, ineditas riquezas, resonancias inauditas, e esse largo estylo de canto, já hoje raro até nos tenores celebres. A faia

Dos nossos poetas

CANTIGA

*Antes que o sol se levante
Vae Vilante a ver o gado,
Mas não vê sol levantado,
Quem vê primeiro a Vilante.*

*E' tanta a graça que tem,
Com uma touca mal envolta,
Manga de camisa solta,
Faixa pregada ao desdem,
Que se o sol a vir deante,
Quando vae mugir o gado,
Ficara como enleado,
Ante os olhos de Vilante.*

*Descalça ás vezes se atreve,
Ir em mangas de camisa,
Se entre as hervas neve pisa,
Não se julga qual é neve,
Duvida o que está diante,
Quando a vê mugir o gado,
Se é tudo leite amassado,
Se tudo as mãos de Vilante.*

*Se acaso o braço levanta,
Porque a beatilha encolhe,
De qualquer pastor que a olhe,
Leva a alma na garganta,
E ainda que o sol se alevante,
A dar graça e luz ao prado,
Já Vilante lh'a tem dado
Que o sol tomou de Vilante.*

(1) FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Das Eclogas.

(1) Um dos nossos poetas bucolicos mais distinctos. - Tendo escripto no seculo XVII, em pleno dominio do *gongorismo*, a sua linguagem resente-se um pouco da affectação e do *amaneirado* da epocha. -- No entanto ha no seu modo de escrever tanta suavidade, tanta doçura e ás vezes uma graça tão natural e tão delicada que ainda hoje se lê com interesse e com agrado. -- Rodrigues Lobo era um contemplativo, que viveu retirado no campo, amando e admirando a natureza. -- Por isso soube-a cantar e descrever como poucos, com uma delicada e sentida emoção de artista. -- Dizem que teve um grande amor infeliz. -- Ha, talvez por essa razão, nas suas obras uma suave melancolia, sentimental e romantica, uma tristeza vaga e resignada, placida como o cahir sereno e doce de uma tarde de outomno.

melros faziam exasperadas tentativas para dobrar o canto, e ir *smorzando* a pobre *Maria Cachucha* que tinham aprendido no berço, e os pintasilgos, inchados de prosapia, ensaiavam trilos e garganteavam arietas, á maneira tambem do rouxinol.

A' volta d'elles, nas ramas dos salgueiros, nos ninhos, nos ares, a passarada ria sem rebuços, das filaucias d'aquelles impertigados cantadores. Havia um cuco sobretudo, admiravel d'escarneo. Nunca vi cuco assim trocista e folião. Porque era começar o *charivari* de melros e pintasilgos nas pernadas baixas da faia, entrava o velhaco logo -- *cu-cu! cu-cu!*

Só o rouxinol na sua agua-furtada sobranceira aos campos, n'uma atmosphera de socego, dominando algares, colinas, o rouxi-

mol calado, absorto n'uma especie de sonho poetico, parecia não cuidar d'adversarios, cahido n'essa morna tristeza que consome fóra do tablado, os grandes tragicos e cantores.

Noite, desce dos montes! Já vão ennegrecendo nas nuvens as ultimas ourelas d'ouro e cochonilha. E ahí temos o rouxinol que desperta, e se agita, tomado d'um nervosismo hysterico, e esvoaça, lançando os primeiros accentos melodicos, como um bello tenor, por ensaiar a voz antes que a plateia rumoreje, e a abobada azul do grande theatro illumine o seu lustre d'estrellas e romantico luar. Fatigados áquella hora, melros e pintasilgos não queriam senão dormir. Mas quem diz que o consente a vibrante voz do bohemio que mora por cima? Isto recrui-

Cartas á minha vizinha

XIX

descia o rancor das aves invejosas, que juraram vingar-se. Tinha o rouxinol nos cimos da faia, uma familia, que occultamente ia educando.

Esposa, uma ninhada de pequenos... aquillo tudo lymphatico e pobre, não descendo jámais a escada do predio, até cá baixo á ribeira.

Os melros então foram visitar os pintasilgos.

— Tu não me dirás com que direito o rouxinol nos perturba o somno?

— E nos excede na belleza do canto? disse o pintasilgo insolentissimo.

— E nos humilha.

— E nos despreza, com aquelle seu indifferentismo de grão senhor.

— Dizem que é fraco.

— Que os filhos d'elle inda não podem voar.

— Então castiguemol-o!

— Diabo! disse o melro. Chamar-nos-lhão cobardes.

— Cada qual com as armas que Deus deu. Venceu-nos elle co'a voz; vencel-o-hemos co'a força.

O melro, coitado, hesitava.

— Vamos a elle, disse o outro patarrego. E iam subindo e saltitando na faia.

— Com esse grande bico, insinuava sempre o pintasilgo, podes bem tirar-lhe os olhos, e comer-lhe os filhos. Eu por mim, se o ninho tiver ovos, parto-lh'os. Apre!

Assim treparam lá cima, e ante o terrivel adversario, sentiram seu furor reduplicar. O melro já via um mar de sangue por deante dos olhos. E atirou-se ao desprevenido rouxinol, que a essa hora estava compondo mentalmente, uma barcarola pathetica. Foi então uma batalha desigual, sanguinolenta e terrivel. Os pequenos, feridos ou mortos, cahiam á ribeira; fez-se em pedaços o ninho, o mesmo rouxinol desertou e fugiu. E agora lá anda elle, errante e sem guarida, como aquelle rei arabe expulso de Granada, cantando as tristezas do exilio, as recordações da felicidade, e as santissimas legendas da familia.

FIALHO DE ALMEIDA.

De "O Palz das Uvas,"

Uma grave censura das Vizinhas. — O que lhes deve dizer a consciencia. — O coração da mulher portugueza. — De como eu tenho razões para a admirar. — Não se vive apenas de sentimento. — As qualidades nativas e a educação. — A puericultura. — A economia familiar. — A «cozinha» e a sua importancia domestica e social. — A Arte e o lar.

Vizinhas:

UMA das coisas que maior reparo lhes mereceu na minha penultima carta foi a *constatação* que fiz de que a mulher portugueza, em regra, era muito imperfeitamente educada, para constituir e dirigir um lar.

Mas, Vizinhas, eu limitei-me a fazer a affirmação de um facto que, por nosso mal, é demasiado evidente. E se consultarem a sua consciencia, no silencio das suas meditações intimas, em que se não ouça, de leve sequer, a voz irritada do seu amor proprio, hão-de ver como me assiste uma dolorosa razão.

Dizem-me, nas suas cartas, que a mulher portugueza é: Esposa *dedicada*, Mãe *carinhosa*, que é *poupada e trabalhadora* na administração do seu lar...

Não sou eu quem o conteste; não neguei nunca ás mulheres portuguezas as grandes qualidades *de coração* que ellas possuem.

Eu sei bem como ellas sabem dedicar-se, até ao sacrificio, até ao heroismo. Tenho-as visto, desprezadas, maltratadas, martyrisadas até, conservarem no olhar amortecido pelas lagrimas, um clarão de piedade e ás vezes ainda de amor, pelo seu algoz!

Sei bem como ellas são carinhosas pelos filhos, como sabem pôr á volta dos seus pequenos berços todo o affecto do seu grande coração, como lhes sacrificam, sorrindo, tudo o que tenham de mais caro; como rasgam alegremente as mãos nos espinhos asperos da vida, para colherem, para elles, para os filhos, a rara e difficil flôr que é a felicidade.

Eu sei-o bem, Vizinhas, eu sei-o bem porque senti sempre nas horas mais amargas a amparar-me, a consolar-me, a fechar delicadamente as dolorosas chagas que a Vida me

abria na alma, as carinhosas mãos de *alguem*, que só por si me faria ter um grande respeito e um grande affecto pela *mulher portugueza*, se m'os não impozessem tambem o sagrado dever de amar o meu paiz.

Eu nunca neguei á mulher portugueza as grandes qualidades de coração que *Ella* possui; mas, Vizinhas, nem só de coração e sentimento se vive . . .

O que *Ella* tem de *superior*, são as Vizinhas as primeiras a dizel-o, é *espontaneo*, é quasi *instinctivo* . . . E no entanto, para que a mulher realise completa e elevadamente os graves deveres que lhe impõe a constituição de um lar, não basta que possua *nativamente* qualidades superiores: é necessario *cultiva-las*, disciplina-las por uma educação proficua.

Não basta o carinho e a dedicação pelos filhos para que a Mãe, sobre quem pesa o grave e oneroso dever de os educar, realise plenamente a sua missão.

Hoje, Vizinhas, a puericultura é uma sciencia complicada e difficil, só se aprende com um estudo methodico e demorado.

Tudo o que respeita á vida fragil da creança está regulado por preceitos scientificos: o berço onde se deita, a posição que n'elle deve ter, o somno, as horas e qualidade das refeições, a aprendizagem do andar, o ensino da linguagem, o vestuario, o exercicio, os brinquedos.

E' preciso ter não só uma grande abnegação, mas o conhecimento dos preceitos severos da sciencia para se ser uma boa enfermeira de qualquer creança doente.

E não ha carinho possivel que improvise uma *educadora completa*, se ella não estudou, com cuidado e com methodo, os preceitos pedagogicos dos grandes educadores como: Herbart, Pestalozzi e Froebel. (1)

Que sabe, em regra, de puericultura, de educação infantil, de tratamento de creanças a mulher portugueza? Que lhe ensinaram a tal respeito, onde aprendeu? De ordinario

(1) Entre nós ha um livro adoravel, escripto com uma luminosa clareza e um grande saber, que todas as mães, conscientes da difficuldade e da alta belleza da sua missão, deviam ler com interesse e com amor: é a obra de D. Virginia de Cas-

sabem: o que o coração lhes suggere, e o coração ás vezes é muito mau conselheiro; e o que a rotina lhes indica, e a rotina é tantas vezes um guia cego, atrasado, ignorante!

Tambem não basta a uma mulher ser *poupada* e *trabalhadora*, para bem administrar e dirigir o seu lar.



A MODA:

Os chapéus . . . ora se acanham e assumem o ar modesto de uma fôrma de pudim . . . de um humilde tacho de cozinha . . .

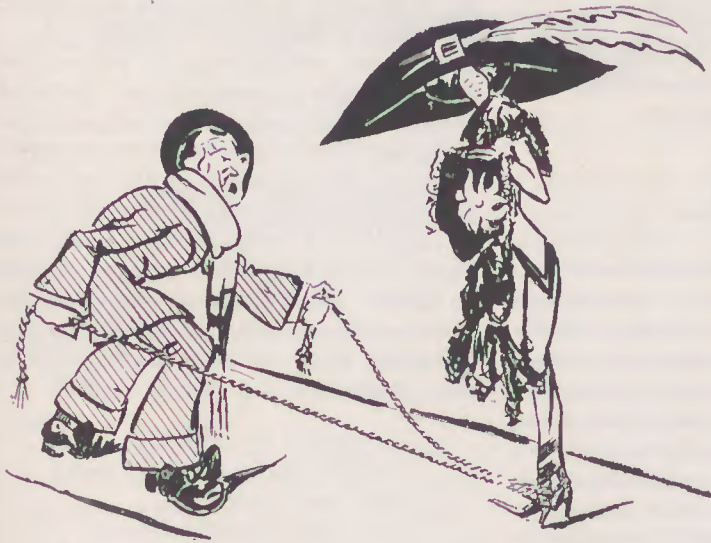
A economia domestica, a arte de governar bem o *ménage* é demasido complexa, para se aprehender apenas com estes dois requisitos: *trabalho* e *poupança*.

Pensem um momento, Vizinhas, em que a tro e Almeida, *Como devemos Crear e Educar Nossos Filhos* — Elle mostra bem como é preciso um grande estudo e uma dedicação que não seja só *sentimental*, mas *raciocinada* e *consciente*, para ser uma boa Mãe e uma Educadora completa.

mulher, regulando a alimentação, mantendo a ordem, zelando a limpeza da sua casa, tem nas suas mãos a saúde das pessoas que lhe são mais queridas. A sua negligência, a sua imperícia, a sua ignorância da hygiene domestica podem comprometter o bem-estar e até a vida dos que lhe são caros.

O regimen alimentar, a *cozinha*, caras Vizinhas, é a base da saúde physica e portanto da saúde moral; e é do fundo enigmático das caçarolas que surgem muitas vezes

NOVO SPORT



Travada e de pela... só á corda.

as doenças, o mau humor, as disputas que entristecem e mancham sombriamente o lar.

A sciencia moderna a partir de Berthelot e pelos trabalhos de Liebig, Bunge, Richet, Moleschott, Gautier, Riilmen Pascaut, Maurrel etc. estudou a natureza dos alimentos, a sua composição, a sua avaliação em *calorias*, a sua digestibilidade, o seu valor nutritivo.

Ora a boa dona de casa, que procura conservar e defender a saúde dos seus, deve conhecer esses principios scientificos, sobretudo nas suas applicações praticas.

«E' preciso, como muito bem diz M.^{me} Moll-Weiss, que Ella saiba variar os *menus* das refeições segundo as normas da hy-

giene ou da medicina, sem perder de vista o fim da alimentação que deve ser *sufficiente* para reparar as perdas, sem ser nunca demasiado abundante, para provocar a nutrição excessiva.»

E' evidente tambem que Ella deve ter noções que a garantam contra a adulteração e falsificação dos generos, que a ensinem segundo as normas da hygiene: a escolher a sua habitação, a distribuir os seus aposentos, a seleccionar os seus moveis, a adoptar o melhor vestuario, a lavar, a varrer, a limpar, a defender-se dos microbios homicidas, a tratar dos seus doentes! (2)

A boa *ménagère* precisa tambem de conhecer a *contabilidade domestica* porque a *economia* não é apenas *poupar*, sem discernimento nem calculo, é sobretudo obter com o minimo de despesa o maximo de utilidade.

E não basta ainda a sciencia, para a mulher ser a *ménagère* completa, é preciso a *Arte*, a *Arte* que a eleve acima da *banalidade* vulgar em que se

afundam os nossos lares; a *Arte* que transforme a *sua* casa n'um refugio adoravel de graça, de belleza, de harmonia e conforto, onde se respire paz e doçura, onde

(2) Por isso, Vizinhas, no Instituto Pratt, em Brooklyn, nos Estados Unidos, que Louis Frank apresenta com um modelo, no curso biennial de *economia domestica* estudam-se, entre outras, noções elementares de bacteriologia, de botanica, de zoologia, de physiologia, de chimica, de hygiene e medicina do lar, completados com lições praticas de cozinha, de lavagem, de cóstura, etc.

E, no emtanto, ninguem poderá accusar as escolas norte-americanas de luxos de erudição ou pedantismo scientifico.

a ordem harmoniosa das coisas, traduza a belleza elevada da *sua* alma.

O coração e o instincto da *mulher portugueza* e a *pratica rotineira e empirica* das nossas casas, poderão dar ás nossas *ménagères* essas complexas noções de sciencia domestica e esse elevado criterio artistico que se devem exigir para que o lar seja, por mãos d'ellas, o refugio ideal de paz, de alegria, e de uma clara e sã belleza, que sonhamos?

Procurará responder a estas perguntas na proxima carta o seu Vizinho, hoje e mais que nunca:

Importuno.



Chronica ligeira

Foi ha dois annos. Os fundadores da *Barcellos-Revista* andavam a tratos com a publicação do seu primeiro numero. Preci-savam d'alguem que lhes notulasse o *successo* da quinzena, queriam talvez uma chronica *viva*, cheia das francas scintillações d'uma linguagem conceituosa, um tanto azougada e vibrante. Fallaram-me e eu mostrei-lhes, de prompto, como bem enganados recorriam a quem, sempre d'espírito arido e inculto, já-mais pôde, mesmo nas horas mais impulsilvas da mocidade, dar á sua penna o viço florente de paginas plenas d'alacridade e perfume.

Apesar d'isso e mais a titulo d'ensaio, do que por compromisso de collaboração permanente, saiu a primeira chronica, bem mal trasladada por signal. Tinha passado o *car-naval* e os preocupados creadores da publicação interessante, que rapidamente adquiriu os justos foros de que gosa, era para alli que dirigiam especiaes vistas.

— Estava tudo prompto, mas a *Revista* podia lá sair sem chronica que o referis-se?!...

Tambem agora succede o mesmo. A «Chronica» que eu julgava já relegada de vez, tem de surgir novamente por causa do Carnaval.

A *Revista* illustra-se hoje com duas deliciosas photogravuras, que seriam dois verda-

deiros e artisticos *registos* de santas, as mais lindas e de mais votivo encanto, senão fosse o elegante modernismo da sua alegre e *salerosa mise-en-scéne*.

São a recordação palpitante do carnaval passado, a mais suggestiva e de mais consoladora evocação.

Bello grupo d'esbeltas *hespanholas*, na pandeireta symbolica, que parece vibrar ainda os typicos ruidores d'uma festa caracteristica, ou na disposição esthetica d'uma cuidada *pose*, baila e canta ainda, nos meneios graciosos d'enthusiasticas danças e nas modulações impetuosas dos mais vibrantes hymnos de jubilo.

Peteneras, malagueñas, de mistura com exaltados *boleros*, tudo que na Hespanha traduz uma expressão d'arte buliçosa e travessa, tudo lembra, n'um torvelinho de regosijo infrene. Todavia, atravez o *travestí* ruidoso, alguma coisa de mais recolhido e intimo, de duradouro e emotivo inspira cada uma d'essas *falsas hespanholas*, formosas filhas do Cavado, que, no relance impressivo dos costumes, esplendem o brilho estuante das *hermosas hijas del Guadalquivir*, dando plena confirmação á conhecida quadra:

*De Sevilha até Granada
Não ha ninguem que não peque
Fêre mais o teu leque
Que o gume da fina espada.*

E' que no olhar dôce e no aspecto luminoso do sorriso meigo, está a mulher ideal, mixto de santa e deusa, que desperta uma adoração intensa,

«*Com beijos d'amor a arder crystallisados*»

mas tambem com effluvios d'uma ternura espiritual, quasi mistica.

Aqui deixo consignada a minha admiração ao gentilissimo grupo de *hespanholas*, o lindo rancho das *lavradeiras* de ha dois annos, apresentando-o como a nota mais distincta d'um Carnaval cheio de ruidosas exhibições, de gosto e espirito, como o soube realisar o humoristico «Sardão» onde ha engenho para muito.

E quedo-me, gritando: *Viva la Gracia!*

M.